

PPG LETRAS UFRGS  
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:  
RELATOS PESSOAIS





**PPG LETRAS UFRGS  
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

### **Conselho Editorial Noctua**

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

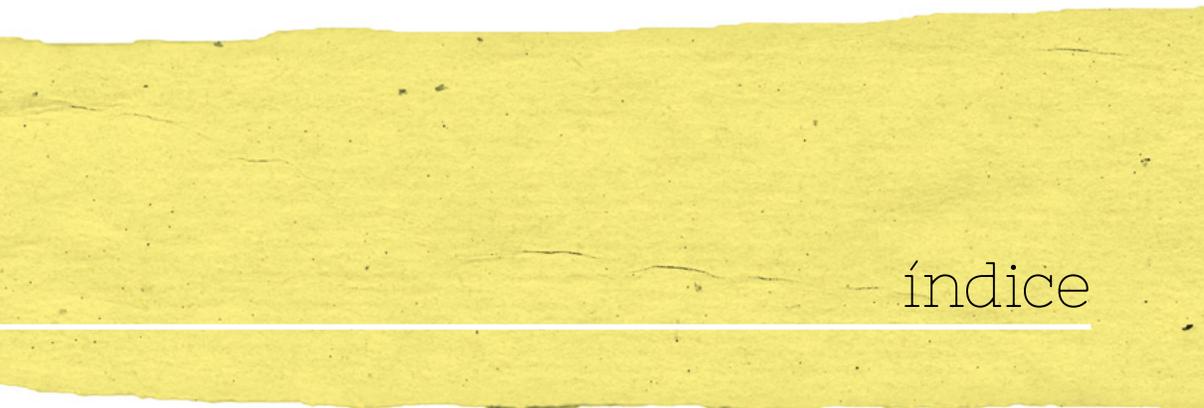
22-116827

CDD – 378.155098165

---

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



# índice

---

<b>007</b>	Prefácio
<b>011</b>	Anamaria Welp
<b>027</b>	Antonio Sanseverino
<b>041</b>	Carina Rebello Cruz
<b>047</b>	Carmem Luci da Costa e Silva
<b>059</b>	Elaine Indrusiak
<b>085</b>	Elisa Battisti
<b>095</b>	Gabriel de Ávila Othero
<b>103</b>	Ingrid Finger
<b>117</b>	Lucia Sá Rebello
<b>125</b>	Luciana Vinhas
<b>139</b>	Luís Augusto Fischer
<b>185</b>	Luiz Carlos Schwindt
<b>191</b>	Márcia Ivana Lima e Silva
<b>209</b>	Maria da Glória Bordini
<b>213</b>	Michael Korfmann
<b>227</b>	Silvana Silva
<b>235</b>	Simone Sarmento
<b>257</b>	Ubiratã Kickhöfel Alves
<b>285</b>	Valdir do Nascimento Flores

A horizontal strip of yellow, textured paper with a deckled edge, serving as a background for the name.

## simone sarmento

---

É professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui doutorado em Terminologia e Lexicografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), Mestrado em Estudos da Linguagem pela Lancaster University (2005) e Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Atuou como presidente da Associação dos Professores de inglês do Rio Grande do Sul (2003 a 2008). Foi professora visitante na Faculdade de Educação da University of British Columbia (Estágio Pós-doutoral/CAPES) e na Universidade de Lisboa (Santander Universidades). Participou do núcleo estruturante do programa Inglês sem Fronteiras junto à SESU/MEC e foi Vice-Presidente de Língua Inglesa do mesmo programa. É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Seus principais interesses de pesquisa são na área de políticas educacionais e linguísticas, internacionalização, inglês para fins acadêmicos e para fins específicos e linguística de corpus. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq nível 2.

Meu ingresso no mundo das Letras e na carreira acadêmica aconteceu de uma forma pouco convencional e nada linear. Assim, para narrar essa trajetória de forma que meu momento atual faça sentido, contarei fatos da minha vida pessoal que acabaram sendo importantes para eu ter chegado até aqui. Durante minha narrativa, tentarei mostrar também um pouco das mudanças pelas quais a Linguística Aplicada (LA) e áreas afins passaram ao longo de mais de três décadas.

Dancei ballet desde muito pequena, e já aos 16 anos comecei a dar aulas de dança. Como na época não havia faculdade de dança em Porto Alegre, comecei a fazer dois cursos superiores: Artes Cênicas e Educação Física. Acabei trancando Artes Cênicas e ficando somente com Ed. Física. Entretanto, se foi o amor pela dança que me levou ao curso, foi Paulo Freire e sua proposta de educação libertadora e problematizadora que me levou a amar a educação. Assim, logo nos primeiros semestres, me interessei muito mais pelas disciplinas de educação do que pelas de atividades físicas. Em 1984, fiz concurso para a extinta FEBEM para o cargo de monitora e fui aprovada. Não era um trabalho fácil, mas foi muito enriquecedor. Descobri um país que até então desconhecia e a obra de Paulo Freire inspirava ainda mais, pois nada fazia menos sentido do que a lógica da educação bancária e indi-

vidualista naquele contexto. Era preciso uma educação na qual o indivíduo tomasse consciência de sua condição histórica, assumindo o controle de sua trajetória e entendendo sua capacidade de transformar o mundo.

Em um primeiro momento, Educação Física e Letras podem parecer muito distantes, mas é importante lembrar que ambas fazem parte da grande área de Linguagens na BNCC, que engloba Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Dessa forma, sempre enxerguei muito em comum entre a área em que me formei e esta em que fiz minha carreira.

Paralelamente, estudei inglês por muitos anos em cursos livres, no extinto Cultural e no Yázigi. No Cultural, estudávamos com os livros do *Lado English Series*. No Yázigi, havia o Centro de Linguística Aplicada, com uma perspectiva bastante arrojada para a época. Lá, entre outras obras, eram produzidos os livros didáticos *English in Brazil*, material voltado exclusivamente para o aprendizado de língua inglesa para brasileiros. Já naquele tempo, as diferentes metodologias de ensino chamavam muito minha atenção, e logo vi que gostaria de aprender mais sobre o assunto. Dessa forma, imediatamente após a minha formatura em 1986, fui à Inglaterra para um curso intensivo de Inglês. Após o término do curso, me aventurei trabalhando e mochilando (mais trabalhando que mochilando) em vários países da Europa por quase dois anos.

Retornei ao Brasil no final de 1988 e fui à escola Britannia Cultural, que ensinava inglês britânico, para continuar estudando a língua. Antes de prosseguir na minha história, aponto uma

grande mudança com relação a professores de línguas. Naquela época, havia uma busca pela “pureza” dos sotaques e variantes: ou falava-se inglês britânico ou inglês americano. Tentávamos, inclusive, disfarçar o nosso sotaque brasileiro ao falar uma língua estrangeira, pois, como já dito, o desejável era sempre buscar o padrão “falante nativo”, o que significava falar com a pronúncia britânica *Received Pronunciation* ou a pronúncia “padrão” americana, estilo CNN. Na época, havia a crença de que um bom professor de língua estrangeira (que já há um tempo chamamos, pelo menos na LA da UFRGS, de língua adicional<sup>18</sup>) eram os falantes nativos daquela língua. O simples fato de alguém ser americano ou britânico o “credenciava” como melhor do que os professores não falantes nativos de inglês. Uma forma de remediar essa questão era morar um tempo no país dos falantes nativos da língua. Isso também era considerado uma grande vantagem. Atualmente, isso soa até engraçado, para dizer o mínimo. Hoje em dia, não buscamos e nem queremos buscar um “padrão nativo” no ensino de línguas e, menos ainda, divide-se o mundo do inglês entre americanos e britânicos. São inúmeras as variedades nativas e não

<sup>18</sup> Conforme Judd, Tan; Walberg, “‘Additional’ applies to all, except, of course, the first language learned. An additional language, moreover, may not be foreign since many people in their country may ordinarily speak it. The term ‘foreign’ can, moreover, suggest strange, exotic or, perhaps, alien—all undesirable connotations. Our choice of the term ‘additional’ underscores our belief that additional languages are not necessarily inferior nor superior nor a replacement for a student’s first language. Entretanto, o termo ‘Língua adicional’ consagrou-se na UFRGS a partir dos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul publicados em 2009. JUDD, E. L.; TAN; L.; WALBERG, H.J. *Teaching Additional Languages*. UNESCO, 2001. SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro; *Línguas adicionais (Espanhol e Inglês)*. In: Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (Org.). *Referenciais curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, v. 1, p. 127-172.2009.

nativas, todas igualmente válidas. Aliás, hoje discutimos a própria noção de falante nativo<sup>19</sup> e até mesmo de línguas nomeadas, quer dizer, as fronteiras entre as diferentes línguas passam a ser menos visíveis (na perspectiva translíngue)<sup>20</sup>. Além disso, sabe-se que ser falante nativo de uma língua ou ter morado em países onde determinada língua é falada não possui relação direta com ser ou não ser um bom professor de línguas adicionais<sup>21</sup>.

Bem, como eu estava dizendo, procurei o Britannia para realizar mais um curso de Inglês. Durante a entrevista com a coordenadora da escola, ela mencionou que, como eu já tinha formação em licenciatura (ainda que de uma outra área) e já havia estudado o idioma por muito tempo, caso eu tivesse interesse, eu poderia fazer um curso intensivo de formação de professores (um convênio com a International House/London) que aconteceria no próximo mês. O curso, no qual tínhamos aulas teóricas pela manhã e práticas supervisionadas com alunos reais à tarde, era realmente intensivo.

Apesar de já ter certa experiência docente e ter formação em licenciatura, as técnicas e métodos de sala de aula da – então novidade – abordagem comunicativa para o ensino de línguas<sup>22</sup> foram um desafio. Ao final do curso, fui convidada a integrar a equipe de professores da escola. Com um corpo docente bastante quali-

<sup>19</sup> RAJAGOPALAN, K. 1997. Linguistics and the myth of nativity: Comments on the new/non-native Englishes. *Journal of Pragmatics* 27:225-31.

<sup>20</sup> García, O.; Kley, T. (eds). 2016. *Translanguaging with Multilingual Students*. New York, Routledge.

<sup>21</sup> Braine, G. (ed). 1999. *Non-native Educators in English Language Teaching*. New York, Routledge.

<sup>22</sup> CANALE, M.; SWAIN, M. 1980. "Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing". *Applied Linguistics*. 1 (1): 1-47.

ficado (a maior parte formado em Letras ou outras licenciaturas), eu aprendia constantemente com colegas mais experientes e nas enriquecedoras reuniões pedagógicas. O Britannia era uma escola que investia muito na formação de professores. Como era parte da associação Laurels de escolas de inglês, participávamos das conferências que aconteciam a cada dois anos (intercaladas com o Braz-Tesol) em diversas partes do país. Naquela época, comecei a cursar Licenciatura em Letras-Inglês na PUCRS, mas acabei tendo que interromper antes de me formar, e vou explicar o porquê.

No início de 1991, fui contratada como analista de idiomas na (extinta) VARIG e, como o trabalho era de 40 horas durante o dia e o curso de Letras era diurno, não consegui terminar a graduação. A empresa aérea possuía um Centro de Línguas com cinco professores de Inglês em Porto Alegre (havia equipes maiores e de mais línguas nas sedes do RJ e SP). Além de dar aulas de Inglês geral e Inglês técnico (para mecânicos de aeronave e pilotos em formação), também aplicávamos provas de inglês para seleção e promoção de pessoal e participávamos das mais diversas ações de formação e treinamento. A grande marca desta época foi o meu primeiro contato com o ensino de Inglês para Fins Específicos (IFA ou English for Specific Purposes – ESP). Era uma concepção de ensino de línguas muito diferente daquela que conhecia. Nos cursos de Inglês técnico para mecânicos, por exemplo, o foco era habilitá-los a ler manuais de suas áreas específicas, como trem de pouso, aviônica, etc. Assim, além de aprender a ensinar somente uma habilidade, a de leitura, aprendi muito sobre aviação também.

Os colegas que me antecederam haviam feito um ótimo trabalho em termos de pensar o programa desses cursos. Mas, foi junto com a minha (então e atualmente) colega, Ana Eliza Bocorny, que começamos a estudar sobre ESP e encontramos apoio no Projeto Nacional Ensino de Inglês Instrumental<sup>23</sup> e na célebre obra de Hutchinson & Waters, *English for Specific Purposes: a learning-centred approach*<sup>24</sup>. A oportunidade de ter participado ativamente da elaboração e condução de cursos de Inglês técnico nos deu a vivência para que, mais de duas décadas depois, escrevêssemos o livro intitulado *Teaching English for Specific Purposes*, da TESOL Press<sup>25</sup>, publicado em 2019.

Em 1994, a VARIG e a PUCRS se uniram para criar o primeiro curso de Ciências Aeronáuticas do país, dando início, assim, aos próximos capítulos da minha vida profissional.

A criação do curso de Ciências Aeronáuticas levou à contratação de vários profissionais da VARIG, devido ao tipo de conhecimento e experiência requeridas para o novo curso. Assim, apesar de a PUCRS já contar com professores de Inglês em seus quadros, quatro professoras da VARIG (eu inclusa) juntaram-se ao grupo para ministrar aulas de Inglês para aviação. Contudo, logo comecei a dar aulas em outros cursos, como Turismo e Secretariado Executivo,

<sup>23</sup> CELANI, M. Antonieta, HOLMES, John, RAMOS, Rosinda Guerra e SCOTT, Michael. The Brazilian ESP Project an Evaluation. PUC - São Paulo: EDUC, 1988.

<sup>24</sup> Hutchinson, T., & Waters, A. 1987. *English for Specific Purposes: A Learner-Centered Approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

<sup>25</sup> VIANA, V. ; BOCORNY, A. ; SARMENTO, S. 2019 . *Teaching English for Specific Purposes*. 1ª ed. Alexandria, Virginia: TESOL Press, 2019. v. 1. 55p .

além de aulas para disciplinas eletivas. Ainda em 1994, comecei a cursar na PUCRS uma especialização em Metodologia da Educação Superior. Entretanto, meu desejo era aprofundar meus estudos em assuntos relacionados à língua inglesa e, principalmente, à Linguística Aplicada. Em 1995, iniciei a especialização intitulada “O Ensino da Língua Inglesa: Teoria e Aplicação” na FAPA (Faculdade Porto-Alegrense), cujo corpo docente era composto de professores da própria FAPA, da PUCRS e da UFRGS. Estudamos sobre aquisição de segunda língua<sup>26</sup>, sintaxe, semântica, pragmática da interlíngua<sup>27</sup>, metodologia de pesquisa, além de literatura e cultura. A perspectiva para as aulas de literatura e cultura ainda eram dentro de uma lógica colonial, ou seja, focavam somente nas obras e nos aspectos culturais dos EUA e do Reino Unido. Aquele foi um ano de intensos estudos que culminou na minha aprovação para o mestrado em Estudos da Linguagem na UFRGS.

A seleção para o mestrado era dividida entre as duas grandes áreas: Estudos da Linguagem e Estudos da Literatura. Todos os candidatos à Estudos da Linguagem, independentemente do ramo da linguística que gostariam de seguir, faziam a mesma prova. Entre as leituras obrigatórias para a seleção, lembro-me de ter lido *Problemas de Linguística Geral I e II* (Benveniste) e *Curso de Linguística Geral* (Saussure), mas tenho certeza de que havia outros. Outra diferença era com relação à orientação. Escolhíamos

<sup>26</sup> Ellis, R. 1994. *THE STUDY OF SECOND LANGUAGE ACQUISITION*. Oxford: Oxford University Press.

<sup>27</sup> Kasper, G. & Blum-Kulka, S. (Eds.) (1993). *Interlanguage pragmatics*. New York: Oxford University Press.

os orientadores somente após já termos cursado as disciplinas, e havia uma flexibilização um pouco maior com relação a prazo.

A década de 90 foi muito importante para a Linguística Aplicada no Brasil, pois a área estava em um momento de consolidação e expansão. Em 1990, foi fundada a Associação Brasileira de Linguística Aplicada (ALAB), que em 1997 assumiu a organização dos Congressos Brasileiros de Linguística Aplicada e realizou o V CBLA aqui na UFRGS (o primeiro CBLA aconteceu em 1986 na UNICAMP). Foi também nesta década que tivemos o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os famosos PCNs, que até hoje reverberam nas discussões sobre ensino de línguas. O ambiente era vibrante e sempre cheio de novidades!

Sob a orientação da Professora Margarete Schlatter, hoje minha colega, resolvi conduzir uma pesquisa de observação em sala de aula, investigando como os aspectos culturais eram abordados nas aulas de inglês da VARIG. Importante mencionar que, no início de 1997, o setor de idiomas da VARIG foi terceirizado e as aulas que observei eram dos professores da escola. Posso apontar várias diferenças daquele momento para o nosso. Acredito que atualmente essa pesquisa não seria autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pois eu era coordenadora dos participantes da pesquisa, mas eu trabalhei com o entendimento de ética daquele momento, que aceitava essa prática. Outra diferença situava-se no olhar que tínhamos sobre os professores: grande parte das pesquisas buscava o registro sobre o que era feito de errado nas diversas práticas docentes. Hoje, pelo me-

nos no nosso PPG, busca-se registrar boas práticas, a ponto de termos lançado em 2011 uma revista chamada “Bem Legal”. De qualquer forma, acredito que o trabalho tenha sido útil. Publiquei dois capítulos<sup>28</sup> e um artigo com os resultados da minha dissertação. Sendo que o artigo, intitulado “O ensino de cultura na aula de língua estrangeira”, é ainda o meu texto mais citado<sup>29</sup>.

Paralelamente, comecei a frequentar os eventos da APIRS (Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul). As associações regionais de professores tinham um papel preponderante na promoção de congressos e cursos para a formação de professores de línguas, e a APIRS, fundada em 1989, era uma das maiores e mais importantes do país. Ainda no início da década, em 2001, comecei a fazer parte da diretoria da APIRS primeiramente como secretária (2001-2003) e, nas gestões que sucederam, como presidente (2003-2006) e vice-presidente (2006-2009) da associação. Havia conferências anuais, que contavam com a presença de cerca de 500 professores de Inglês, das esferas pública e privada. Anualmente também, a APIRS, a APLISC (Associação dos Professores de Língua Inglesa de Santa Catarina) e a APLIEPAR (Associação dos Professores de Língua Inglesa do estado do Paraná) pro-

---

<sup>28</sup> SARMENTO, S.. Ensino de Cultura na sala de aula de língua estrangeira. In: Gisele Benck de Moraes; Ricardo Moura Buchweitz; Maria Elisabete Mariano dos Santos. (Org.). A questão cultural no processo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. 1ª ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2003, v. 01, p. 162-169.

SARMENTO, S.. Aspectos Culturais Presentes no Ensino da Língua Inglesa. In: Simone Sarmento; Vera Müller. (Org.). O Ensino do Inglês como Língua Estrangeira: Estudos e Reflexões. 1ª ed. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2004, v. 1, p. 241-266.

<sup>29</sup> SARMENTO, S.. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Porto Alegre, v. 02, n.02, p. 01-23, 2004.

moviam um grande evento, cada vez sediado em um dos estados do sul do Brasil. Um dos resultados desta parceria foi a criação do BELT Journal em 2010<sup>30</sup>. Foram anos de muita aprendizagem e trocas, cujas memórias guardo com muito carinho. Mergulhei de cabeça no mundo da formação de professores de inglês, tópico da minha dissertação de mestrado, mas sem deixar de lado os estudos sobre línguas para fins específicos e inglês para aviação. Fruto desses anos de associação, organizamos três livros<sup>31</sup>, sendo que o primeiro foi selecionado para o projeto da biblioteca do professor do estado do Paraná e teve milhares de cópias impressas.

Em 2003, retornei à UFRGS para cursar disciplinas como aluna especial na área da Terminologia. Meu intuito era aprofundar os conhecimentos sobre as linguagens de especialidade de forma a melhor entender a linguagem dos manuais de aviação. E foi então que me deparei com uma abordagem para o estudo de línguas que impactaria meu trabalho para sempre: a Linguística de Corpus. Esse fortuito encontro aconteceu em um curso livre organizado pela professora Maria José Finatto e ministrado por Tony Berber Sardinha. Até aquele momento, eu e minha colega de inglês para aviação estudávamos os manuais com vistas à elaboração de materiais didáticos para nossos alunos mecânicos e

---

<sup>30</sup> <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/belt/article/view/7558/5419>

<sup>31</sup> SARMENTO, S.. What About Teacher's Development?. 1ª ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011. v. 1. 198p .  
SARMENTO, S.; FREITAS, A. L. (Org.). O ensino do Inglês como língua estrangeira: Estudos e Reflexões II. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. v. 01. 322p .  
SARMENTO, S.; MÜLLER, Vera (Org.). O Ensino do Inglês como Língua Estrangeira: Estudos e Reflexões. 1ª ed. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2004. v. 1000. 266 p.

pilotos com canetas lumicolor, assinalando, por exemplo, verbos e substantivos mais frequentes. Fiquei maravilhada com a noção probabilística da LC, que oferece a possibilidade de fazermos uma análise robusta de uma porção de linguagem autêntica. A “descoberta” do software WordSmith Tools<sup>32</sup> e de outras ferramentas de corpora disponíveis me fizeram ter certeza de que era esse o caminho que eu gostaria de seguir. No final de 2003, fiz seleção e fui aprovada para o doutorado em Terminologia, sob orientação da professora Maria da Graça Krieger. Meu objetivo era estudar os manuais de manutenção e operação da Boeing com vistas à elaboração de material didático.

Mas, como falei lá no início do meu texto, minha vida acadêmica nem sempre foi linear. Assim, no início de 2004, apliquei para uma bolsa do Hornby Educational Trust, que desde 1961 concede anualmente bolsas de estudo a professores de inglês de países em desenvolvimento para cursar mestrado na Inglaterra.<sup>33</sup> Trata-se da concessão de apenas uma bolsa integral por país (passagem, mensalidade e valor para alimentação e hospedagem). Fui contemplada com a bolsa, e segundo o parecer da comissão avaliadora, a escolha do meu nome deveu-se muito em razão de todo o meu envolvimento com a APIRS. Havia cinco opções de universidades, e escolhi a Universidade de Lancaster, devido ao seu protagonismo na área de Linguística de Corpus. Em setembro de 2004,

---

<sup>32</sup> <https://lexically.net/wordsmith/version7/index.html>

<sup>33</sup> <https://www.britishcouncil.org.ar/en/programmes/education/hornby-educational-trust-scholarships>

após ter concluído os créditos do doutorado, iniciei esse outro mestrado (mas, mesmo assim, consegui defender minha tese no prazo, em 2008). Durante o curso de mestrado, além da Linguística de Corpus, também aprofundei leituras sobre Avaliação, Pragmática, Letramento Acadêmico e Análise Crítica do Discurso. Tive aulas com e frequentei grupos de estudos conduzidos por Charles Alderson, Geoffrey Leech, Tony McEnery, Paul Baker, Martin Bygate, Ruth Wodak e Norman Fairclough. Escrevi minha segunda dissertação de mestrado, que versava sobre a modalização em manuais de aviação com a abordagem da Linguística de Corpus e à luz da linguística cognitiva. Originaram-se cinco publicações desse período em Lancaster, algumas fruto da dissertação<sup>34</sup> e outras da observação sistemática da minha filha aprendendo inglês<sup>35</sup>.

Ao retornar ao Brasil, retomei a escrita da tese de doutorado, sobre o mesmo tema do mestrado em Lancaster. Contudo, aumentei bastante o corpus de estudo, aprofundei as análises e, em 2008, defendi a tese intitulada “O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês: um estudo baseado em corpus”. Ressalto que os estudos realizados com a Linguística de Corpus ainda eram novidade no Brasil e particularmente na UFRGS – minha tese foi a segunda usan-

<sup>34</sup> SARMENTO, S.. A pragmatic Account of Aviation Manuals. English for Specific Purposes World (ESP World), Rússia, v. 4, n.3, p. 01, 2005.

SARMENTO, S.; GABRIELATOS, Costas. Central Modals in an Aviation Corpus: Frequency and Distribution. Letras de Hoje (Impresso), Porto Alegre, v. 41, n.2, p. 215-240, 2006.

SARMENTO, S.. The case of can. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 5, p. 01-14, 2007.

SARMENTO, S.. Distribution of Modal Verbs in an Aviation Corpus. In: Corpus Linguistics 2005, 2005, Birmingham. Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series, 2005. v. 1.

<sup>35</sup> SARMENTO, S.. Second Language Acquisition in a Naturalistic Setting: A case Study. Analecta (UNICENTRO), Paraná, v. 7, n.1, p. 57-70, 2006.

do essa abordagem, sendo a primeira a da Professora Anna Maria Becker Maciel, em 2001<sup>36</sup>. Houve também certo ineditismo com relação à área de especialidade: aviação. Demóstene Marinotto foi autor da primeira tese sobre inglês para aviação, intitulada “Para a Elaboração de um Vocabulário Bilíngüe (inglês/português) de aviação”<sup>37</sup>, defendida na USP em 1995. Ao que consta, o meu trabalho foi o segundo na temática, seguido da tese da Ana Bocorny, defendida um dia depois da minha e intitulada “Descrição das unidades especializadas poliléxicas nominais no âmbito da aviação: subsídios para o ensino de inglês para fins específicos.”. A partir da minha tese, publiquei quatro capítulos<sup>38</sup> de livros, dois artigos<sup>39</sup> e co-organizei um livro<sup>40</sup>.

Houve muitos concursos para novos professores federais em 2010, e eu fui uma das aprovadas para uma vaga na UFRGS neste ano. Uma das etapas do concurso exigia a defesa de um projeto de pesquisa. O meu situava-se no âmbito de políticas linguísticas e

---

<sup>36</sup> <http://hdl.handle.net/10183/1649>

<sup>37</sup> <https://caph.fflch.usp.br/node/13053>

<sup>38</sup> SARMENTO, S.. O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês: Must em destaque. In: TANIA M. G. SHEPHERD; TONY BERBER SARDINHA; MARCIA VEIRANO PINTO. (Org.). Caminhos da Linguística de Corpus. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. , p. 289-324.

SARMENTO, S.. Corpus linguistics: history, methodology and scope. In: Chris Lima. (Org.). 10 Years of Brazilian Scholarship: British Council Brazil and the Hornby Trust. 1ª ed.: 2011, v. 01, p. 73-85.

SARMENTO, S.. O verbo modal CAN em manuais de aviação em inglês: implicação para o desenvolvimento de material didático. In: Cristina Lopes Perna; Heloisa Koch Delgado; Maria José Finatto. (Org.). Linguagens Especializadas em Corpora: Modos de Dizer e Interfaces de Pesquisa. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, v. 1, p. 202-232.

SARMENTO, S.. LINGUÍSTICA DE CORPUS E O DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA INGLÊS COM PROPOSITOS ESPECÍFICOS. In: Simone Sarmento; Ana Luiza Freitas. (Org.). O ensino do Inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões II. 1ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, v. 1, p. 259-290.

<sup>39</sup> SARMENTO, S.. LINGUÍSTICA DE CORPUS: HISTÓRICO, METODOLOGIA, CAMPOS DE APLICAÇÃO. Revista Trama (UNIOESTE. Online), v. 06, p. 89-112, 2010.

SARMENTO, S.. Embracer 170: Decolagem para o sucesso-Análise do estrangeirismo. Revista da ADPPUCRS, Porto Alegre, v. 5, p. 33-40, 2004.

<sup>40</sup> SARMENTO, S.; MOTTIN, L. P. (Org.); SARDINHA, T. B. (Org.); IBANOS, A. M. T. (Org.). PESQUISAS E PERSPECTIVAS EM LINGUÍSTICA DE CORPUS. 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2015. 560p.

políticas educacionais, e tratava sobre o Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira (PNLD). O interesse pelo assunto surgiu devido ao fato de que 2011 seria o primeiro ano que escolas públicas de todo o país estariam recebendo livros didáticos das línguas espanhola e inglesa para os alunos dos anos finais do ensino fundamental. Dessa forma, acompanhei e registrei todo o processo desde a submissão das coleções pelas editoras, passando pela aprovação de apenas duas obras de cada idioma, a escolha das coleções pelas escolas/professoras, a chegada dos livros nas escolas e finalmente o uso dos livros por professores e alunos. Além da pesquisa, atuei como avaliadora do mesmo programa em editais do ensino fundamental, médio e EJA. Desse projeto decorreram orientações e várias publicações em periódicos (08), livro (01) e anais de congresso (03).<sup>41</sup>

<sup>41</sup> SARMENTO, S.; LAMBERTS, D. V. D. H. . Pesquisas sobre livros didáticos: o estado da arte. ENTRETXTOS (UEL), v. 17, p. 333, 2017.

SARMENTO, S.; SILVA, L. G.. Brazilian Textbook Program and Implications for the teaching of English in Brazilian public schools. In: Kyria Rebeca Finardi. (Org.). English in Brazil. 1ª ed. Londrina: Eduel, 2016, v. 1, p. 145-172.

SARMENTO, S.. REVEL NA ESCOLA: PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA. REVISTA VIRTUAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v. 14, p. 20-31, 2016.

SARMENTO, S.; BATTISTI, J. . Programa Nacional do Livro Didático PNLD Campo: até que enfim!. EDUCAÇÃO EM FOCO, v. 19, p. 46-72, 2016.

SARMENTO, S.; LAMBERTS, D. V. D. H. . O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE INGLÊS: ASPECTOS SOBRE SUA IMPORTÂNCIA, ESCOLHA E UTILIZAÇÃO. (CON)TEXTOS LINGÜÍSTICOS, v. 10, p. 291-300, 2016.

SARMENTO, S.; LAMBERTS, D. V. D. H. . Adaptações ao Livro Didático de Língua Inglesa. Intersecções. Revista de Estudos sobre Práticas Discursivas e Textuais, v. 9, p. 66-83, 2016.

SILVA, L. G.; SARMENTO, S.. A seleção dos livros didáticos de língua inglesa do Programa Nacional do Livro Didático. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 2016, Campo Grande. ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA. Campo Grande, 2015. p. 174-185.

SILVA, L. G.; SARMENTO, S.. A escolha do livro didático de língua estrangeira do Programa Nacional do Livro Didático. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 14, p. 173-214, 2015.

SARMENTO, S.; SILVA, L. G.. A reconfiguração do Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira pelos atores sociais. In: 10º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2013, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do X Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2013. v. 02. p. 01-02.

SARMENTO, S.; COSTA, P. P.. A IMPLEMENTAÇÃO DO PNLD DE LÍNGUA INGLESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE. Contexturas, v. 20, p. 101-117, 2013.

SARMENTO, S.; GOULART, L.. The book is (not) on the table: o programa nacional no livro didático no cotidiano escolar na educação linguística. In: IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2012. v. 1. p. 1-16.

SARMENTO, S.; GOULART, L.; VIAL, A. P. S.; SILVA, J. Z.. A inclusão das Línguas Estrangeiras Modernas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Revista Bem Legal, v. 2, p. 110-118, 2012.

Em 2012, ano que me credenciei ao PPG, iniciei outro projeto de pesquisa para estudar recorrências lexicais em resumos em inglês (*abstracts*) das áreas de linguística e literatura. Coletamos um corpus composto por abstracts em quatro níveis de expertise, tendo em vista os processos editoriais de revisão de textos: (1) TCCs, (2) Teses e dissertações, (3) Artigos em periódicos nacionais, e (4) Artigos em periódicos internacionais. Este projeto estreou meus trabalhos de Linguística de Corpus e inglês acadêmico, área que pesquiso até hoje.<sup>42</sup>

Também em 2012, tivemos um acontecimento que impactou muito a área de ensino de línguas adicionais na educação superior e particularmente a minha vida e o Instituto de Letras da UFRGS: o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF). O grupo de trabalho que elaborou o Programa desde o início, do qual fiz parte a partir de maio de 2012, era composto de representantes de dez universidades<sup>43</sup> (Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade

---

<sup>42</sup> MATTE, M. L.; SARMENTO, S.. A corpus-based study of connectors in student academic writing. *English for Specific Purposes World (ESP World)*, v. 20, p. 1-21, 2018.

FINATTO, M. J. B. (Org.); REBECHI, R. R. (Org.); SARMENTO, S. (Org.); BOCORNY, A. E. P. (Org.). *Linguística de corpus: perspectivas*. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018. v. 1. 575

SILVA, L. G.; MATTE, M. L.; SARMENTO, S.. Brazilian students' use of English academic vocabulary: an exploratory study. In: Maria José Bocorny Finatto; Rozane Rodrigues Rebechi; Simone Sarmento; Ana Eliza Pereira Bocorny. (Org.). *Linguística de corpus: perspectivas*. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2018, v. 1, p. 509-526.

SARMENTO, S.; SILVA, L. G.; SCORTEGAGNA, B.. O CORPUS LILE: ABSTRACTS DAS ÁREAS DE LINGUÍSTICA E LITERATURA. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 2014, Porto Alegre. ANAIS DO I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. v. 1. p. 1-15.

<sup>43</sup> PORTARIA Nº 105, DE 24 DE MAIO DE 2012 do Ministério de Estado da Educação.

de Brasília, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, representada por mim). O programa IsF foi oficialmente lançado em dezembro de 2012<sup>44</sup> e rebatizado de Idiomas sem Fronteiras em novembro de 2014<sup>45</sup>. O IsF era co-financiado pela CAPES e pela Secretaria de Educação Superior do MEC, sendo que durante os anos de funcionamento do Programa<sup>46</sup>, a UFRGS sempre teve o maior Núcleo de ensino de línguas do Brasil. Eram milhares de aplicações de TOEFL ITP por ano, além de milhares de alunos em centenas de turmas. Como já havia acontecido em outros momentos da minha vida, e em sintonia com a definição de Linguística Aplicada como um campo transdisciplinar que investiga e busca soluções para problemas relacionados à linguagem na vida real, voltei meus estudos para as áreas de internacionalização da educação superior (formação de professores de inglês para fins acadêmicos), além de continuar na área de políticas educacionais linguísticas.

O IsF foi um marco para a área de ensino de línguas, particularmente da língua inglesa, porque, pela primeira vez, tínhamos um programa robusto voltado à internacionalização das universidades focando no ensino de inglês acadêmico e, conseqüentemente,

---

<sup>44</sup> PORTARIA N° 1.466, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2012 do Ministério de Estado da Educação.

<sup>45</sup> PORTARIA N° 973, DE 14 DE NOVEMBRO DE 2014 do Ministério de Estado da Educação.

<sup>46</sup> O Programa perdeu o financiamento da CAPES, que era responsável pelo pagamento de bolsas para professores e coordenadores em maio de 2019. Em outubro de 2019, foi criada a Rede Andifes ISF ([https://www.andifes.org.br/?page\\_id=82328](https://www.andifes.org.br/?page_id=82328)) que deu continuidade a algumas ações do ISF, mas sem o financiamento da CAPES e em escala bem menor.

na formação de professores para este fim. Em 2015/2016, realizei meu estágio pós-doutoral na University of British Columbia, no Canadá, para verificar o impacto que o IsF teve nos bolsistas do Ciência sem Fronteiras, no que diz respeito à proficiência em língua inglesa.

Como resultado de minha atuação no IsF como gestora do programa em nível nacional, coordenadora na UFRGS e pesquisadora, orientei vários trabalhos de conclusão (TCC, dissertações e teses), além de ter publicado dez artigos<sup>47</sup>, sete capítulos<sup>48</sup> e ter organizado um livro.<sup>49</sup>

O IsF foi também responsável por voltar as atenções de pesquisadores da área de linguística aplicada para a relação

---

<sup>47</sup> KIRSCH, W.; SARMENTO, S.. FRAME ANALYSIS OF MICROTACHING IN A COMMUNITY OF PRACTICE OF TEACHERS OF ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE IN SOUTHERN BRAZIL. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 12, p. e40296-15, 2021.

VIAL, A. P. S.; MATTE, M. L.; SARMENTO, S.. Desafios no ensino de Inglês para Fins Acadêmicos no contexto do Programa Idiomas sem Fronteiras. Calidoscópio, v. 18, p. 307-327, 2020.

SARMENTO, S.; VIAL, A. P. S.. LEARNING (TO TEACH) ENGLISH FOR ACADEMIC PURPOSES IN INITIAL TEACHER EDUCATION. REVISTA LETRAS (UFSM/ON-LINE), v. 3, p. 355-378, 2020.

KIRSCH, W.; SARMENTO, S.. 'She didn't know much about English teaching': planning classes together in the teachers' room as a practice of professional development. REVISTA OLHARES E TRILHAS, v. 21, p. 59-78, 2019.

KIRSCH, WILLIAM; SARMENTO, SIMONE. Stories of professional development in Brazilian Languages Without Borders Program. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 9, p. 115-132, 2018.

KIRSCH, WILLIAM; SARMENTO, SIMONE. Workshops as an avenue of teacher development in a Language without Borders community in Southern Brazil. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 9, p. 395-408, 2018.

GOULART, L.; VIAL, A. P. S.; SARMENTO, S.. Developing English for Academic Purposes (EAP) teaching materials: a needs analysis of novice teachers. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 16, p. 41-83, 2017.

KIRSCH, W.; SARMENTO, S.. Fulbright English Teaching Assistants: preparação conjunta de aulas e codeswitching numa comunidade de prática do programa idiomas sem fronteiras. BRAZILIAN ENGLISH LANGUAGE TEACHING JOURNAL, v. 8, p. 209-219, 2017.

SARMENTO, S.; THIAGO, E. M. C. P. S.; ANDREOTTI, V. O.. Science without Borders? An alternative framework for evaluation. Revista Interfaces Brasil-Canadá, v. 16, p. 40-71, 2016.

SARMENTO, SIMONE; KIRSCH, WILLIAM. Inglês Sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores a partir do trabalho docente. ILHA DO DESTERRO, v. 68, p. 047-059, 2015.

<sup>48</sup> SARMENTO, S.; FONTES, A. B. A. L.. O Legado Linguístico do Ciência sem Fronteiras. In: José Celso Freire Junior, Vanessa França Bonini Panico. (Org.). O Legado Linguístico do Ciência sem Fronteiras. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2021, v. 1, p. 147-164.

KIRSCH, W.; MATTE, M. L.; SARMENTO, SIMONE. DELINEANDO OS LEGADOS DO PROGRAMA IDIOMAS

de línguas com os processos de internacionalização das universidades. Prova disso é o crescente número de trabalhos sobre línguas nos congressos da FAUBAI (Associação Brasileira de Educação Internacional). Em 2013, foram dois trabalhos apresentados que faziam referência ao papel das línguas adicionais neste contexto; em 2017, foram 22. Além disso, esse movimento voltado à internacionalização da educação superior trouxe ao Brasil a discussão sobre (não) ensinar diferentes conteúdos por meio de uma língua adicional, em inglês denominado English as a Medium of Instruction. Tenho tido diferentes atuações neste cenário de educação superior e internacionalização

---

SEM FRONTEIRAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ÁREA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. In: Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho; Christine Nicolaidis; Gladys Quevedo-Camargo; Elaine Maria Santos. (Org.). SISTEMAS DE GESTÃO E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR: A experiência do Programa Idiomas sem Fronteiras. 1ª ed. Belo Horizonte: EDITORA UFMG, 2021, v. 1, p. 383-406.

SARMENTO, S.; FREITAS, A. L.; BAUMVOL, L. K.. INTEGRAÇÃO DE LÍNGUA E CONTEÚDO NO CONTEXTO DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS. In: Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho; Christine Nicolaidis; Gladys Quevedo-Camargo; Elaine Maria Santos. (Org.). SISTEMAS DE GESTÃO E AÇÕES DO NÚCLEO GESTOR: A experiência do Programa Idiomas sem Fronteiras. 1ª ed. Belo Horizonte: EDITORA UFMG, 2021, v. 1, p. 407-422.

WELP, A. K. S.; FONTES, A. B. A. L.; SARMENTO, S.. O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, v. 1, p. 125-149.

KIRSCH, WILLIAM; SARMENTO, S.. ATIVIDADE DOCENTE, COMUNIDADES DE PRÁTICA E FORMAÇÃO DOCENTE. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho. (Org.). Do inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, v. , p. 193-216.

VIAL, A. P. S.; BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. UMA PROPOSTA DE AVALIAÇÃO DE ESCRITA ACADÊMICA EM LÍNGUA INGLESA EM UM CURSO DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS. In: Clarissa Menezes Jordão. (Org.). A linguística aplicada no brasil: rumos e passagens. 1ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2016, v. 1, p. 471-500.

SARMENTO, S.; DUTRA, D. P.; BARBOSA, M. V.; MORAES FILHO, W.. ISF e Internacionalização: Da teoria à prática. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, v. 1, p. 77-104.

<sup>49</sup> SARMENTO, S.; LIMA, D. A. E. (Org.); MORAES FILHO, W. (Org.). Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: A construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. v. 1. 315p .

desde 2012, com orientações de trabalhos e publicações<sup>50</sup>, sem ter, entretanto, abandonado outras áreas, como formação de professores, políticas educacionais<sup>51</sup> e Linguística de Corpus.

Sobre as modificações na área desde meu credenciamento, não creio que tenha havido nada tão substancial, mas sim movimentos teórico-metodológicos sutis. Uma das questões é a presença maior de estudos que usam a Linguística de Corpus como metodologia. São várias as vertentes da LA que hoje se utilizam dos pressupostos da área em suas análises, como Análise Crítica do Discurso, avaliação, Inglês para Fins Acadêmicos, entre outras. Creio, também, que a própria área da LA se entenda muito mais como interdisciplinar hoje do que no passado, aceitando e buscando teorias e metodologias de áreas vizinhas. Por fim, uma mudança substancial, não necessariamente só da LA, mas de áreas que fazem pesquisas com seres humanos (entrevistas, questionários, observações, etc), é a exigência de submetermos

---

<sup>50</sup> SANTOS, L. G.; SARMENTO, S.. Programa Leitorado Brasileiro: um olhar sobre os critérios dos editais da CAPES. Fórum Linguístico, v. 18, p. 5653-5674, 2021.

BAUMVOL, LAURA; SARMENTO, SIMONE; DA LUZ FONTES, ANA BEATRIZ ARÊAS. Scholarly publication of Brazilian researchers across disciplinary communities. Journal of English for Research Publication Purposes, v. 2, p. 5-29, 2021.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. The Growing Presence of Language Issues in Internationalization Conferences. In: Kyria Rebeca Finardi. (Org.). English in the South. 1<sup>ª</sup> ed. Londrina: EDUEL, 2019, v. 1, p. 25-54.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. Can the Use of English as a Medium of Instruction Promote a More Inclusive and Equitable Higher Education in Brazil?. SFU Educational Review, v. 12, p. 87-105, 2019.

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S.. A internacionalização em Casa e o uso de inglês como meio de instrução. In: Magali Sperling Beck, Maria Ester Moritz, Maria Lúcia Milléo Martins, Viviane Heberle. (Org.). Echoes: Further Reflections on Language and Literature. 1<sup>ª</sup> ed. Florianópolis: UFSC, 2016, v. 1, p. 65-82.

<sup>51</sup> SCHARDONG, P. C. S. C.; SARMENTO, SIMONE. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTÁGIO DE LÍNGUA INGLESA: OS MOMENTOS DE ORIENTAÇÃO COM O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. REVISTA TRAMA (UNIOESTE. ONLINE), v. 17, p. 134-149, 2021.

CARDOSO, P. C. S.; SARMENTO, S.. Programa de excelência acadêmica (PROEX): um relato de como se tornar um professor formador na educação superior. REVISTA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR, v. 8, p. 99-118, 2018.

nossas pesquisas ao Comitê de Ética e Pesquisa através da Plataforma Brasil. Se, por um lado, há uma etapa burocrática e bem trabalhosa, por outro, ela garante um olhar cuidadoso sobre questões éticas, em especial para populações mais vulneráveis. Assim, devemos saudar este passo importante em direção a projetos mais transparentes e democráticos.

Finalizando este já longo texto, gostaria de expressar o privilégio que tenho em estar hoje como Coordenadora deste importante Programa de Pós-Graduação em Letras. Sinto-me honrada em receber esta confiança dos meus (minhas) ilustres colegas nesta data comemorativa de 50 anos de criação do Programa. Os desafios são grandes, mas as alegrias pelas conquistas compensam. Que possamos todos celebrar esta data tão importante juntos!

• • •